

“FASCINANTE MARFIM”: A CIRCULAÇÃO DOS OBJETOS EM MARFIM DE ORIGEM AFRICANA (ANGOLA, PORTUGAL E BRASIL, SÉCULOS XVIII E XIX)

“IVORY FASCINATING”: THE CIRCULATION AND MOVEMENT OF
OBJECTS IN IVORY OF AFRICAN ORIGIN (ANGOLA, PORTUGAL
AND BRAZIL, XVIII AND XIX CENTURIES)

ROGÉRIA CRISTINA ALVES*

Resumo: Este artigo pretende apresentar um breve panorama sobre os usos de uma matéria-prima cobiçada e polêmica: o marfim de origem africana. Base de objetos raros e artísticos, e também de objetos cotidianos, o marfim foi apreciado e consumido por diferentes povos e culturas ao longo dos séculos. A proibição do tráfico internacional deste material, na década de 80 do século XX, só fez crescer a sua procura, valorização e cobiça, tornando o seu valor alto e o comércio ilegal, uma realidade.

Palavras-chave: marfim; objetos; Angola.

Abstract: This article aims to present a brief overview of the uses of a coveted and controversial raw material: ivory of African origin. Base of rare and artistic objects, and also of everyday objects, ivory was appreciated and consumed by different peoples and cultures throughout the centuries. The prohibition on international trafficking of this material in the 80's of the twentieth century in order to increase demand, valorization and greed on a material possessing it, making its high value and illegal trade a reality.

Keywords: ivory; objects; Angola.

Artigo recebido em 23 de fevereiro de 2017 e aprovado para publicação em 25 de abril de 2017.

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Minas Gerais. (E-mail: rogeriaufing@gmail.com). Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais por meio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT – no âmbito do projeto *Marfins africanos no mundo atlântico: uma reavaliação dos marfins luso-africanos*, PTDC/EPHPAT/1810/2014.

De qual marfim estamos falando?

O marfim é um material orgânico, de aparência branca, muito resistente, utilizado na confecção de diversos objetos, que variam entre aqueles de uso pessoal, religioso, doméstico e decorativo. É obtido a partir da extração das presas de elefante, hipopótamo, morsa, narval¹, javali africano, cachalote², dos extintos mamutes e dos mastodontes siberianos – dessas duas últimas espécies, utilizado em sua forma fossilizada. O uso de marfim fóssil pode soar estranho aos ouvidos mais desatentos. Contudo, há notícias recentes sobre o uso desse material em objetos de luxo. No ano de 2006, por exemplo, a empresa fabricante de canetas e lápis Faber-Castell produziu uma edição limitada e luxuosa da “caneta do ano” – uma coleção intitulada “luxos da natureza” (Figura 1). Produzida numa tiragem limitada, com marfim fóssil de mamute e madeira ébano, o objeto é uma prova contemporânea de que a associação do marfim ao luxo, à distinção e à erudição permanece até os nossos dias.³

Figura 1: Caneta do ano 2006, edição em marfim fóssil e madeira ébano, da empresa Graf Von Faber Castell.



Ossos e chifres de diferentes animais também são utilizados no fabrico de objetos e muitas vezes são confundidos com o marfim.⁴ Nos elefantes, as presas de marfim são o par de

¹ O narval (*Monodon monóceros*) é um mamífero cetáceo (parente das baleias) que vive nas águas frias do Ártico. Esta espécie possuiu um dente incisivo de marfim em forma espiral, que pode medir até 3 metros. Esse dente serve como instrumento de luta durante os combates rituais que realizam os machos para estabelecer a ordem hierárquica pela posse das fêmeas, do mesmo modo como os cervos utilizam os seus cornos. Informações disponíveis em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/planetinha/fique-ligado/baleia-unicornio-narval-artico-daniel-botelho-745668.shtml>> e <http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/68601/Narval---A-espacular-migra%C3%A7%C3%A3o-do-unic%C3%B3nio-do-%C3%81rtico.htm>. (Acesso em 26 de janeiro de 2016).

² O cachalote (*Physeter macrocephalus*) é um mamífero cetáceo com dentes, facilmente reconhecido pela sua enorme cabeça quadrada e mandíbula estreita. Informações disponíveis em: <<http://escola.britannica.com.br/article/574445/cachalote>>. (Acesso em 01 de fevereiro de 2016).

³ Disponível em <<http://www.graf-von-faber-castell.com.br/caneta-do-ano/luxos-da-natureza/caneta-do-ano-2006>>. (Acesso em 09 de fevereiro de 2016).

⁴ Não se pode deixar de registrar a existência de uma ave chamada calau-de-capacete. Habitante das florestas tropicais do leste asiático, esta espécie possui um capacete natural – também chamado de elmo. Composta por queratina, tal estrutura se estende do bico até o crânio dessas aves, e, utilizada em entalhes, é chamada por alguns

dentos incisivos superiores. Existem, atualmente, três espécies de elefantes conhecidas no mundo: o elefante asiático, o elefante africano das savanas e o elefante africano das florestas. Embora pareçam semelhantes à primeira vista, é cediço que os elefantes africanos, por uma série de fatores e características físicas, são diferentes dos asiáticos. Nestes, os machos possuem as famosas presas de marfim; já nas fêmeas elas são vestigiais ou inexistentes.⁵ O marfim proveniente dos elefantes é o mais utilizado e também mais apreciado. França, Barboza e Quites ressaltam que as características do marfim variam também em função das diferenças entre as espécies de elefantes e os lugares em que vivem:

Por exemplo, os dentes dos elefantes provenientes da Ásia eram mais brancos que o Africano, de textura menos fechada, porém, não susceptível ao polimento. O tipo mais refinado e bonito era proveniente da região chamada Pagani, no leste da Costa da África. Conhecido como marfim verde ou marfim guiné, era apreciado por sua transparência e seu tom creme ou amarelo pálido. Este tipo de marfim, ao contrário dos demais, tornava-se mais branco com o tempo. Na Índia, mais precisamente na região de Ceilão, era bastante apreciado o marfim de cor rosa-pálido. Cada um destes tipos de animais apresentam características específicas que podem facilitar ou dificultar o entalhe.⁶

O marfim foi utilizado como matéria-prima para esculturas em diversos períodos históricos e civilizações, na elaboração de vários objetos: olifantes – também chamados de trompetes ou chifres de caça –, talheres, cibórios, saleiros, pentes, adornos de móveis e esculturas religiosas.⁷ Como testemunhas materiais, muitos objetos de marfim estão presentes até os dias atuais nos acervos de museus nacionais e internacionais⁸, com destaque para as peças de origem africana, em especial os saleiros. Elaborados com detalhes minuciosos, tais peças são fontes de estudo de diversos pesquisadores. Assim, resalta-se que este artigo faz

de “marfim”, embora não seja um dente. Informações disponíveis em: <<http://noticias.terra.com.br/ciencia/ameacada-de-extincao-ave-rara-tem-cabeca-mais-valiosa-que-marfim,2afcf8b237cd5abcc721350a5f5996ffdfc19evq.html>>. (Acesso em 27 de janeiro de 2016).. Nos Estados Unidos, no National Museum of American History, as peças feitas com a carcaça das baleias também são chamadas de marfim.

⁵ Informação disponível em <<http://www.zoologico.sp.gov.br/mamiferos/elefanteafricano.htm>>. (Acesso em 01 de novembro de 2015).

⁶ FRANÇA, Conceição L.; BARBOZA, Kleumanery de M.; QUITES, Maria Regina E. *Estudo da tecnologia construtiva das esculturas em marfim*. In: 19º Encontro da Associação Nacional de pesquisadores em artes plásticas. “Entre territórios” – 20 a 25 de setembro de 2010 – Cachoeira, Bahia, Brasil. p. 2639 a 2653.

Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/conceicao_linda_de_franca_2.pdf>. (Acesso em 02 de fevereiro de 2015). p. 2645.

⁷ *Idem*, p. 2639.

⁸ Peças em marfim, de origem africana ou indiana, estão abrigadas em vários museus do mundo e chamam a atenção pela riqueza de detalhes e habilidade de seus produtores. Há exemplares de olifantes de marfim, por exemplo, no Museu Hermitage, em São Petesburgo (Rússia), e no Musée National de La Renaissance, em Écouen, na França. No Brasil, destacam-se as coleções de peças em marfim presentes no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro (RJ); no Museu Carlos Costa Pinto, em Salvador (BA) e também no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto (MG).

referência ao marfim proveniente de elefantes africanos – chamados aqui de “marfins africanos” –, procedência que é creditada à natureza das fontes e dos registros históricos utilizados.

É importante lembrar, contudo, que o comércio internacional de marfins foi proibido em 1989. Os objetos de marfim apresentados e estudados nesta proposta são compreendidos enquanto registros históricos importantes e próprios de seu tempo. Não há, nesse sentido, qualquer incentivo ou fomento à comercialização desse material. Atualmente, com o objetivo de não estimular a captura e morte dos elefantes, vários países destruíram as presas ou objetos confeccionados em marfim. Mas o fascínio que o marfim exerce sobre colecionadores não cessou, e há notícias atuais sobre a apreensão desse material em várias partes do mundo. Recentemente, no intuito de denunciar a existência deste comércio ilegal e o rápido extermínio dos elefantes africanos, o ator e diretor Leonardo DiCaprio lançou o documentário *The Ivory Game* (Netflix, 2016), exibido no Brasil com o título de *O extermínio do marfim*.

Figura 2: Cartaz de divulgação do documentário *The Ivory Game*



Fonte: <http://www.torredevigilancia.com/wp-content/uploads/2016/10/ivorygameposter.jpg>. Acesso em 15/02/2017.

A circulação de marfins entre Angola, Portugal e Brasil (Séc. XVIII e XIX)

Em um estudo preliminar sobre a circulação de marfins entre Angola, Portugal e Brasil, utilizando-se de registros de mercadorias que eram escoadas a partir de alguns portos

da costa ocidental africana, no século XVIII, pode-se constatar que esse material passou por diferentes circuitos/rotas comerciais, como relacionado no quadro 1.

Quadro 1: Rotas percorridas pelo marfim no circuito costa ocidental africana, Brasil e Lisboa.

ORIGEM:	DESTINO:	MERCADORIAS:
Ilha de Santiago de Cabo Verde	Brasil e Lisboa	Escravos, marfim e cera (provenientes da Guiné)
Angola (Luanda e Benguela)	Bahia e Rio de Janeiro	Escravos e marfim
Bahia	Portugal	Marfim
Rio de Janeiro; Pará e Maranhão	Lisboa	Cacau, arroz, algodão, cravo, tapioca, goma, couros, farinha, açúcar, aguardentes, chifres, algodão, cera, café, marfim
Rio de Janeiro; Maranhão e Pernambuco	Lisboa	Açúcar, mel, couros, algodão, café, gomas, chá, marfim e canela
Pará	Lisboa	Marfim

Fonte: Documentos pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Século XVIII.

Para Horta e Afonso, as notícias sobre a chegada direta de marfins africanos em Portugal datam da segunda metade do século XV e acompanham o processo de exploração da costa ocidental africana. O cronista português Rui de Pina relatou que, entre os presentes levados pelos embaixadores congolezes ao rei português D. João II, em 1489, destacavam-se dentes e diversos objetos esculpidos em marfim. Em descrição da costa ocidental africana, Valentim Fernandes ressaltava o talento e habilidade dos artesãos de Serra Leoa:

[...] fazem coisas sotijs de marfim, como colheres/saleyros e manilhas, os homens desta terra som muy sotijs negros de arte manual a saber de saleyros de marffim e colhares. E assi qualquer obra que lhe debuxam os cortam em marfim. (sic)⁹

⁹ FERNANDES, Valentim. *Códice Valentim Fernandes*. (Leitura Paleográfica, notas e índices de José Pereira da Costa). Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997. p. 111. *Apud* AFONSO, Luís U. & HORTA, José da S. *Olifantes afro-portugueses com cenas de caça/C*. 1490 - C. 1540. In: ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Patrimônio. Número 01, 2013. Disponível em: <http://luisurbanoafonso.weebly.com/uploads/2/6/8/6/26862325/pdf_artigo.pdf>. (Acesso em 17 de julho de 2015). p. 111.

Na grande região do reino do Congo – parte ocidental da África Central que ocupava um território que se estendia do Gabão meridional ao planalto de Benguela e do Oceano Atlântico até muito além do rio Cuango – o comércio de marfim também teve papel importante. A colônia de Angola, fundada em 1575, participou do comércio atlântico deste material e, segundo Vasina, em fins do século XVII

[...] Como havia falta de escravos em Angola, os comerciantes incentivavam a guerra, pois esta gerava cativos para a compra. As grandes firmas de Lisboa calculavam que os lucros procediam das mercadorias e não dos escravos e, por isso, tentavam possuir o menor número possível de cativos. Importavam mercadorias compradas dos capitães e dos afro-portugueses em troca de letras de câmbio que eram convertidas em açúcar do Brasil ou em marfim local, sendo o Brasil o principal parceiro comercial delas.¹⁰

Ainda no século XVI, as informações sobre o Reino de Angola davam conta da existência de marfim em abundância na região: “[...] Temos indícios que pelo sertão há ouro e cobre muito fino e muito marfim. A terra é muito fértil de mantimentos.”¹¹ Nesse sentido, é importante lembrar que a abertura do comércio entre Brasil e a costa angolana data de meados do século XVI. A participação angolana nesse comércio atlântico não estava restrita ao fornecimento de mão de obra, mas englobava produtos como cera, marfim e azeite.¹² Entretanto, há registros afirmando que os trabalhos em marfim não eram o ponto forte da população nativa da região de Angola: “raríssimos são os cabindas que sabem fazer alguma coisa neste gênero, mas ainda há alguns; a indústria está mais desenvolvida na mesma família de pretos, mas um pouco mais ao norte, Loango e Ponta Negra [...]”.¹³

O viajante alemão Soyaux, em observação sobre as peças de marfim elaboradas na Costa do Loango, no XIX, ressaltou que as peças “merecem por vezes ser consideradas obras de arte” e defendia a criatividade dos africanos no fabrico das mesmas, ressaltando que eles não reproduziam apenas os desenhos trazidos pelos brancos:

Aquele que lhes nega uma criatividade independente e um gosto próprio nos seus

¹⁰ VANSINA, Jan. A África equatorial e Angola: as migrações e o surgimento dos primeiros Estados. In: NIANE, Djibril Tamsir, *História geral da África IV: África do século XII ao XVI*. Brasília: Unesco/Ministério da Educação Brasil, 2010, p. 672.

¹¹ MONUMENTA MISSIONÁRIA AFRICANA. África Ocidental (1643-1646). Agência Geral do Ultramar, Vol. 1 - 01.009, 1960. p. 139. Referência: MMA-SI-V15_d139.

¹² RIBEIRO, A. V. Para além do ‘comércio de almas’: a pauta de exportação angolana para o Brasil, séculos XVIII e XIX. Apontamentos preliminares. In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh-RJ: Saberes e Práticas Científicas, 2014, Rio de Janeiro. Anais XVI Encontro Regional de História da Anpuh-RJ: Saberes e Práticas Científicas, 2014. pp. 1 e 5.

¹³ SILVA, João de Mattos e. *Contribuição para o estudo da região de Cabinda*. Lisboa: Typographia Universal, 1904, p. 395.

trabalhos fecha propositadamente os olhos perante as realidades evidentes, ou então e o desconhecimento das mesmas que o impossibilita de fazer um julgamento competente. É preciso ter observado de perto a forma de viver de um povo e, principalmente, ter estudado a sua língua, antes de alguém se ver no direito de pronunciar um juízo válido sobre o seu caráter, os seus talentos e capacidades.¹⁴

Cobiçado por suas propriedades físicas – textura, tamanho, cor e brilho –, o marfim africano, segundo Ross, era valorizado em muitas partes da África devido aos significados atribuídos à figura do elefante – símbolo de chefia ou liderança. João Baptista Gime Luís destaca que, entre os *kongo*, *kakongo*, *ngoyo* e *loango*, o animal era visto como selvagem, e a sua composição física impressionava esses povos, sendo visto, nas manifestações do seu cotidiano, como sinal de força inimaginável, associado, inclusive, a uma admiração de caráter mítico.¹⁵

O apreço e o valor atribuído aos objetos em marfim também podem ser testemunhados pelo alvará emitido pela rainha D. Catarina de Áustria em setembro de 1562 – meses antes de sua renúncia ao trono português. Nesse documento a rainha ordenava aos contadores que levassem ao conhecimento do tesoureiro do reino as duas cadeiras da China que possuía e também os quatro abanos de marfim.¹⁶ D. Catarina era apaixonada por colecionismo e controlava, em Lisboa, a importação de animais exóticos e objetos de luxo. A historiadora Annemarie Jordan Gschwend relata que a rainha tinha uma família muito alargada, na Áustria e em Flandres, e chegou a enviar dois elefantes para a Europa Central.¹⁷ A curiosidade de nobres pelos animais exóticos vindos de outras partes do mundo era mantida nas chamadas “menageries” – espécies de jardim zoológicos mantidos ao lado dos palácios reais.

Assim, além de marfins, especiarias e escravizados, o “Atlântico Português” também testemunhou a circulação da fauna de origem africana. Nesse sentido, chama a atenção um curioso documento datado de 1763. Um elefante, muitos pássaros e galinhas – essa era a carga de um navio provindo do Reino de Angola que aportava em Pernambuco, aos dezesseis

¹⁴ SOYAUX, H. “Nachrichten vom Gabun”, Petermanns Mitteilungen 25, 1879b: 344-347. *Apud*: HEINTZE, Beatrix. *Exploradores alemães em Angola (1611-1954): apropriações etnográficas entre comércio de escravos, colonialismo e ciência*. Tradução de Rita Coelho Brandes e Marina Santos, 2010. Disponível em: www.frobenius-institut.de/images/downloads/exploradores.pdf. (Acesso em 19 de fevereiro de 2017).

¹⁵ LUÍS, João Baptista Gime. *O comércio do marfim e o poder nos territórios do Kongo, Kakongo, Ngoyo e Loango: 1796-1825*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2016. p. 61.

¹⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Alvará da rainha D. Catarina para os contadores levarem em conta ao tesoureiro as 2 cadeiras da China e 4 abanos de marfim, como consta do conhecimento da camareira D. Mécia de Andrade. Referência: PT/TT/CC/1/106/10.

¹⁷ GSCHWEND, Annemarie Jordan. *The Story of Süleyman: Celebrity Elephants and other Exotica in Renaissance Portugal*. Zürich & Philadelphia: Pachyderm Productions, 2010.

dias do mês de abril de 1763.¹⁸ A carga viva com destino a Lisboa vinha pelo Atlântico causando tumulto entre a tripulação da charrua São José. Relata Luis Diogo Lobo da Silva, governador da capitania de Pernambuco, que até então duzentos e cinquenta e sete galinhas e pássaros já haviam morrido – o que ocorrera não “por falta de trato”, mas pela mudança de clima e demais efeitos da viagem. Apesar das outras espécies, o elefante estava bem e a preocupação do governador era garantir que o paquiderme e os pássaros e galinhas sobreviventes chegassem ao seu destino final vivos. Para tal, ele decidiu embarcar os animais em outro navio maior e relatou essa troca no documento encontrado.

Embora breve e curioso, o ofício do governador de Pernambuco demonstra a existência de um trânsito de animais pela via atlântica. Segundo Almeida, a influência do Iluminismo e as mudanças produzidas pela administração do Marquês de Pombal fizeram com que a Coroa Portuguesa renovasse seus interesses pelas possessões ultramarinas e suas riquezas naturais.¹⁹ Nesse sentido, havia uma determinação que obrigava os governadores das colônias portuguesas a enviarem para a capital do Reino espécies animais que seriam destinadas a várias instituições. O Recife era local de escala de navios saídos da costa de Angola com destino a Portugal, assim, por diversas vezes, navios carregados de animais de origem africana faziam paradas naquela capitania e despertavam a curiosidade na população local.

Outra cidade participante dessa rota atlântica de comércio era Salvador, na Bahia. Enquanto sede do Governo Geral, a Bahia estabelecia comércio com outros portos do circuito Atlântico em razão de sua conexão marítima com as Índias. A chamada “carreira das Índias” era atribuída à ligação marítima entre Lisboa e os portos do Oriente (Goa, Cochim e, por vezes, Malaca). No entanto, devido ao regime de correntes marítimas e ventos, o percurso dessa rota passava pela Bahia. Para Lapa, havia uma série de outros motivos que faziam com que Salvador fosse parada necessária:

- 1) A cidade era a cabeça política e administrativa da colônia americana; 2) possuía bom ancoradouro, relativamente abrigado; 3) ficava aproximadamente no meio da extensa orla litorânea; 4) estava mais perto do Reino que os portos do Sul; 5) Oferecia facilidade de contato com as colônias da África ocidental portuguesa, estimulado pelo tráfico de escravos; 6) exportava, entre outros produtos, tabaco,

¹⁸ Arquivo Histórico Ultramarino (doravante citado apenas como AHU). Documento AHU _ACL_CU_015, Caixa 99. D.7758.

¹⁹ ALMEIDA, Argus V. de. Animais enviados para Portugal entre 1754 e 1805, pelos governadores da capitania de Pernambuco [Livro Eletrônico]. São Paulo: NEHi/FFLCH/USP, 2014. pp. 6 e 15. Disponível em: <http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/backup/NEHiLP_2.pdf>. (Acesso em 29 de novembro de 2016). pp. 6 e 15.

açúcar, madeiras, especiarias e fibras tropicais; 7) era de fácil acesso para abastecimento e refresco dos navios; 8) apresentava recursos em matérias primas, e 9) proporcionava eventuais socorros de sua praça de guerra.²⁰

Curioso notar que a historiografia, até o presente momento, avaliou o porto de Salvador como principal receptor de objetos em marfim exclusivamente de procedência indiana, não considerando as evidências sobre a chegada de marfins de origem africana naquela localidade.²¹ Relatos de correspondências trocadas entre funcionários da coroa portuguesa na América e na África atestam a vitalidade do comércio do marfim nesse circuito. Em 1725, por exemplo, Francisco Pereira da Costa - provedor da Fazenda Real, em São Paulo da Assunção de Luanda - remetia ao rei português o arrolamento das pontas de marfim e das embarcações que saíam de Angola com destino ao Brasil.²²

A constatação sobre a chegada de marfim, em estado bruto, no Brasil, suscita outras questões: o que aqui chegava vindo de África permanecia em terras brasileiras ou era remetido a outros portos do “mundo português”? Haveria uma produção local de peças em marfim no Brasil? A busca pelas respostas para tais perguntas exige um trabalho apurado e intenso de pesquisas. Contudo, tais questionamentos não podem mais ser desconsiderados pela historiografia.

Podemos falar de “marfins afro-portugueses”?

As chamadas peças de “marfim afro-portuguesas”, elaboradas pelos africanos – a partir de matéria prima de origem africana – para atender a clientes europeus, foram consideradas as primeiras espécimes conhecidas de escultura africana a terem sido introduzidas na Europa, e muitas dessas peças estão até hoje entre as mais belas obras de arte africana em vários museus do mundo, representantes artísticas de um estilo híbrido que desperta a atenção de estudiosos contemporâneos.²³ Para Thornton, essa produção de peças chamadas de “marfins afro-português” foi numerosa – o que retira seu caráter de simples produção pitoresca –, e exemplifica a tese de que o comércio da Europa com a África não pode ser visto como algo destrutivo somente, como sugerem alguns estudiosos.²⁴

²⁰ LAPA, José R. do A. *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 02.

²¹ FRANÇA, Conceição L.; BARBOZA, Kleumanery de M.; QUITES, Maria Regina E. *Op. cit.*, p. 2644.

²² Arquivo Histórico Ultramarino (doravante citado apenas como AHU). Série Angola, Caixa 22, documentos 56 e 55. AHU_CU_001, Cx. 23, D. 2368.

²³ WONDJI, C. Os estados e as culturas da Costa da Alta Guiné. In: OGOT, B. A. *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. Brasília: Unesco/Ministério da Educação Brasil, 2010, p. 455.

²⁴ THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Trad. Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 99.

A origem das peças afro-portuguesas foi motivo de debate entre vários pesquisadores, a começar pela própria nomenclatura atribuída a elas. O termo “marfim afro-português” foi cunhado por William Fagg, em 1959, durante a avaliação da coleção de objetos em marfim africano pertencente ao Museu Britânico. Fagg foi o primeiro pesquisador a dividir os centros de produção das peças em três localidades distintas: Serra Leoa, o Reino de Benin e Lagos (Porto Novo) – posteriormente, a última localidade foi descartada.²⁵

Para Kathy Curnow, os povos Sapes²⁶, de Serra Leoa, foram os responsáveis pela confecção das peças de marfim até o ano de 1550, quando essa sociedade teria sido destruída. Assim, o reino do Benin, na Nigéria, seria o lugar de procedência das peças fabricadas posteriormente a esta data.²⁷ Ezio Bassani, fundamentado nos aspectos estilísticos das peças, afirmou que os Sapes teriam fabricado os objetos até 1530, e que as peças posteriores a esta data teriam sido fabricadas na região do Benin.²⁸

Para o historiador da arte Peter Mark, a datação e a origem geográfica dos marfins dos séculos XVI a XVII precisam ser vistas a partir do hibridismo cultural característico das relações entre africanos e europeus. Mark denomina tais marfins como “lusó-africanos” e refuta a hipótese da destruição dos povos Sapes – baseado nos relatos dos jesuítas e comerciantes que passaram por Serra Leoa entre os anos de 1616 e 1669 e que testemunharam a existência de habilidosos escultores de marfim.²⁹

²⁵ FAGG, William Buller. *Afro-Portuguese Ivories*. London: Batchworth Press, 1959.

²⁶ Os povos Sapes habitaram a região de Serra Leoa, e, segundo Yves Person, apesar dos portugueses falarem do “Império dos Sapes”, nunca houve um Estado estruturado, mas sim um conjunto de chefarias ou grupos de linhagem unidos por uma cultura comum. In: PERSON, Yves. In: *História geral da África, IV: África do século XII ao XVI*. Editado por Djibril Tamsir Niane. 2ª Ed. Rev. Brasília: Unesco, 2010, p. 345. A produção de peças em marfim por estes sujeitos foi variada, indo de talheres (destacando-se as famosas “cucharas” – colheres – em marfim) até os elaborados saleiros. In: MOREIRA, Rafael. *Pedro e Jorge Reinel (at. 1504-60), Dois cartógrafos negros na corte de D. Manuel de Portugal (1495-1521)*. In: 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia. Agendas para História da Cartografia Iberoamericana. Universidade de São Paulo. São Paulo, abril de 2010. p. 1 a 10. Disponível em: <<https://3siahc.files.wordpress.com/2010/08/rafael-moreira-3siahc.pdf>> (Acesso em 05 de fevereiro de 2015).

²⁷ CURNOW, Kathy. *The Afro-Portuguese Ivories: Classification and Stylistic Analysis of a Hybrid Art Form*. [s.l.]: [s.n.], PhD Dissertation, University of Indiana. 1983. 2 vols.

²⁸ BASSANI, Ezio. *African Art and Artefacts in European Collections, 1400-1800*. London: British Museum, 2000; BASSANI, Enzo. *Ivoires d’Afrique dans les anciennes collections françaises*. Paris: Actes du Sudet Musée du Quai Branly, 2008.

²⁹ MARK, Peter. Portugal in West Africa and the creation of the Luso-African Ivories, 1490-1658. In *Encompassing the Globe: Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries*. Washington: Smithsonian Institution, 2008.

Figura 3: Saleiro de marfim “afro-português”. Séc. XVI/XVII. Benin.



Fonte: <http://www.metmuseum.org/art/collection/search/309900>. (Acesso em 02 de fevereiro de 2017).

A Figura 3 retrata um saleiro de marfim proveniente do Benin, datado do século XVI, que atualmente pertence à coleção do Museu de Arte Metropolitana de Nova York. Interessante observar as figuras demonstradas na peça: homens – provavelmente portugueses – cujos trajes são ricamente detalhados, portadores de objetos como espadas e cruzes. Segundo os técnicos do referido Museu, esta é a única intacta de um conjunto de quatro peças quase idênticas que atualmente pertencem a colecionadores europeus.³⁰ Segundo Rafael Moreira, os saleiros produzidos nessa época não eram utilizados como baixelas de mesa, pois ainda não havia essa função para tais objetos, mas eram utilizados como recipientes para guardar sal, nos rituais de batismo católico.³¹

Eram delicadas obras de aparato e alto luxo para serem usadas em desfiles e cerimônias – banquetes e batizados nobres, como os “saleiros”, que não serviam de baixelas de mesa (inexistentes na época) mas sim para o padrinho de alta nobreza transportar nos seus dois recipientes côncavos a água-benta e os grãos de sal a fim de serem colocados pelo oficiante na língua do infante, como se vê nalguns quadros (...).³²

Para o historiador Alan Ryder, os saleiros e as colheres de marfim não integravam as

³⁰ Informação disponível em: <<http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1972.63a,b>>. (Acesso em 07 de novembro de 2015).

³¹ MOREIRA, Rafael. *Pedro e Jorge Reinel (at. 1504-60)*, Dois. *Op. cit.*, p. 02.

³² MOREIRA, Rafael. *Op. cit.*, p. 02.

cargas oficiais dos bens importados pelo governo português; eram peças compradas em Serra Leoa, sob encomenda, como propriedade particular dos viajantes.³³ A historiadora da arte Suzanne Preston Blier ressalta que a decoração dos saleiros e colheres evidencia o papel vital que os clientes europeus tiveram em demandar certos tipos de ornamentos, mas defende que essas peças, além de retratarem a expressão artística do período dos primeiros encontros entre africanos e europeus, podem fornecer uma visão única sobre o lugar ocupado por eles dentro do pensamento dos africanos.³⁴

Figura 4: Colher de marfim “afro-portuguesa”. Coleção particular.



Fonte: *Masterpieces: Pegadas dos portugueses no mundo*.

Outros objetos bastante curiosos fabricados em marfim de origem africana são os olifantes, também chamados de trompas ou chifres de caça. Muitos desses objetos eram ricamente adornados, o que exigia de seus produtores uma altíssima habilidade manual. Utilizados no contexto bélico, os olifantes serviam de instrumento de comunicação. Na Europa, eram usados nas caçadas para assustar as presas e sinalizar a captura das mesmas:

Os olifantes eram, pois, peças claramente associadas à guerra e ao ócio favorito da aristocracia, a caça, sendo particularmente populares durante a Idade Média, simbolizando a virilidade, a honra e o heroísmo dos nobres. (...) A própria matéria de que eram feitas estas peças também sinalizava rapidamente que se tratavam de objetos de prestígio.³⁵

Há uma análise recente publicada por Horta e Afonso sobre esses artefatos. Para os

³³ RYDER, Alan F. C. A Note on the Afro-Portuguese Ivories. In: *The Journal of African History*. 1964, pp. 363-5.

³⁴ BLIER, Suzanne Preston. Imaging Otherness in Ivory: African Portrayals of the Portuguese ca.1492. In: *The Art Bulletin* 75. 1993, p. 375.

³⁵ AFONSO, Luís U. & HORTA, José da S. Olifantes afro-portugueses com cenas de caça/C. 1490-C.1540. In: *ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Patrimônio*. Número 01, 2013. Disponível em: <http://luisurbanoafonso.weebly.com/uploads/2/6/8/6/26862325/pdf_artigo.pdf>. (Acesso em 17 de julho de 2015). p. 28.

autores, tais peças, datadas dos séculos XV e XVI, assumem papel significativo para a identidade da aristocracia europeia. Para Bassani e Fagg, as figuras e cenas retratadas nos olifantes eram visualmente semelhantes às cenas de caça retratadas nos chamados “livros de horas”, destinados à devoção privada de fiéis cristãos, que circulavam na Europa.³⁶

Figura 5: Olifante de marfim, Serra Leoa, século XV-XVI. Acervo Museu Britânico.



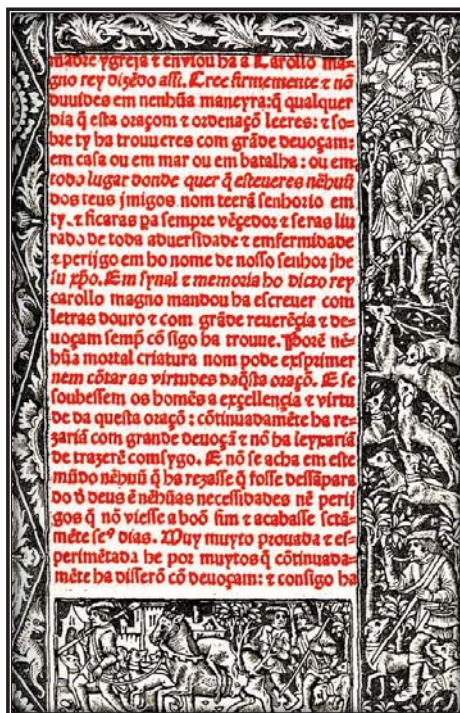
Fonte: < http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?assetId=68989001&objectId=626033&partId=1>. (Acesso em 22 de outubro de 2015).

Na peça retratada na figura 5 estão entalhados animais míticos de origem europeia e animais africanos, como crocodilos e serpentes, além de cenas de caça. Na figura 6, tem-se uma página do famoso e raro *Livro de Horas de Nossa Senhora*. Este livro reunia orações dos papas João XXII e Inocêncio III, que foram proibidas pela Inquisição do século XVI. As ilustrações dos livros de hora serviam para lembrar os fiéis católicos não letrados dos ensinamentos presentes nas Sagradas Escrituras. Interessante observar a semelhança das figuras retratadas no Livro e no olifante. Eugenia Soledad Martinez ressalta que o fato da maioria dos motivos presentes nas peças de marfim africano estarem relacionados à iconografia bíblica significaria para os receptores europeus uma forma de disseminar o cristianismo em terras distantes.³⁷

³⁶ BASSANI, Ezio; FAGG, William B. *Africa and the Renaissance: Art in Ivory*. New York: The Center for African Art and Prestel-Verlag, 1988.

³⁷ MARTINEZ, Eugenia S. *Crossing-cultures: Afro Portuguese Ivories of the Fifteenth and Sixteenth Century Sierra Leone* [S.L]: [S.N], 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Arte. Universidade da Flórida.

Figura 6: Livro de Horas de Nossa Senhora segundo costume Romano. Paris, século XVI.



Fonte: <http://www.snpcultura.org/vol_horas_de_Nossa_Senhora.html> (Acesso em 30 de outubro de 2015).

Extrapolando a visão das “peças afro-portuguesas” como “encomendas europeias produzidas por mãos africanas”, existem peças em marfim produzidas por africanos que não referenciam essencialmente os ornamentos de origem europeia, ainda que façam referência à cultura cristã. É o caso, por exemplo, de algumas esculturas religiosas como a retratada na figura 4. Trata-se de uma representação de Santo Antônio elaborada entre os séculos XVII e XVIII, no Congo. O culto a Santo Antônio na cultura bakongo foi especialmente fomentado pelos missionários capuchinhos.

Com a disseminação do culto antoniano, ao longo do estuário do rio Zaire, durante o século XVII, aconteceu a produção de uma quantidade considerável de pequenas esculturas representando o santo, produzidas em diversos suportes, como madeira, latão, osso e marfim.³⁸ Ainda no Congo, no final do século XVIII, surge o movimento religioso conhecido como Antonianismo, liderado por Beatriz Kimpa Vita. Dizendo-se possuída por Santo

³⁸ FRANCO, Anísio. *Masterpieces: Pegadas dos portugueses no mundo*. Catálogo de coleção particular. Lisboa: Peres, s/d, p. 09.

Antônio, Vita pregava a pacificação e reunificação do reino do Congo.³⁹

Figura 7: Santo Antônio em marfim com pátina. Cultura Bakongo, séculos XVII e XVIII.



Fonte: FRANCO, Anísio. *Masterpieces: Pegadas dos portugueses no mundo*.

A imagem em marfim retratada na figura 7, de pequenas dimensões, possui um gancho de sustentação na parte superior e era utilizada como uma espécie de amuleto – os chamados “Toni Malau” ou “Dontoni Malau” –, usados como proteção contra ataques de inimigos ou trazendo sorte para seus detentores. Uma característica curiosa é que muitas dessas imagens apresentam sinais de uso excessivo em determinadas áreas, como olhos, bocas, pernas ou cabeças, pois se acreditava que o devoto deveria esfregar a parte do santo correspondente ao mal que o assolava.⁴⁰ Talvez a mesma crença de que esse “Toni Malau” pudesse interceder pela sorte de seu portador tenha sido demonstrada na cena descrita pelo manuscrito do Arquivo Histórico da Roda da Misericórdia, em Lisboa. O documento relata que um bebê

³⁹ SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista*. História da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 81.

⁴⁰ FRANCO, Anísio. *Op. cit.*, p. 12.

havia sido deixado naquela roda e trazia ao pescoço uma “fita encarnada com um Santo Antônio de madeira e marfim”, no dia 06 de outubro de 1807.⁴¹

Diante da existência de uma produção local de peças de marfim, em terras africanas, para diversos usos, seria correto mencionar somente uma produção “afro-portuguesa” dessas peças? De fato, sabe-se que havia encomendas de peças de marfim em África para os portugueses que eram revertidas para Europa e utilizadas como objetos de luxo e exóticos. Contudo, o uso dos objetos em marfim pelos africanos, dotados de significados próprios como o referido Santo Antônio da figura 7, abre precedentes para se pensar numa dinâmica peculiar e pouco estudada sobre os usos dos objetos de marfim numa perspectiva “atlântica”, que considera a movimentação de sujeitos, materiais e ideias, e, especialmente, dedica aos produtores africanos dessas peças o devido protagonismo.

No Brasil, há pouquíssimos estudos que analisam a presença do marfim enquanto um material utilizado na produção de objetos, e os poucos trabalhos nesse sentido, como mencionado anteriormente, o fazem tendo como ponto de partida a chegada de objetos produzidos na Índia portuguesa. No entanto, há registros históricos sobre a existência desse material no Brasil durante os séculos XVIII e XIX, o que coloca em xeque a suposta origem exclusivamente asiática das peças. Emblemáticos nesse sentido são dois documentos encontrados na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, ambos datados da primeira metade do XIX e que fazem referências à produção local de objetos em marfim.

O primeiro é um requerimento do ano de 1834 encaminhado ao Ministério do Império, no qual o negociante Adão de Oliveira de Carvalho solicita garantias para a instalação de uma fábrica de pentes de marfim, tartaruga e chifre, no Brasil.⁴² O segundo documento é uma representação⁴³ elaborada pelo advogado Francisco de Carvalho Figueira de Mello, na qual solicita a proteção do Estado para instalar, na província do Pará, estabelecimentos destinados à manufatura do marfim animal e vegetal.⁴⁴ Importante destacar que a pesquisa de Iaci Iara

⁴¹ Disponível em <http://www.scml.pt/pt-PT/destaques/um_bebe_na_roda_abençoado_por_santo_antonio/>. (Acesso em 20 de dezembro de 2016).

⁴² FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Catálogos online Biblioteca Nacional. Referência: 03, 02, 005 n° 318.

⁴³ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Catálogos online Biblioteca Nacional. Localização I-29, 33, 054.

⁴⁴ Especula-se que o marfim vegetal ao qual o documento faz referência seria a jarina. Jarina é o nome da semente da palmeira de igual nome, a *Phytelephas macrocarpa* (Phyto = planta e elephas = elefante), encontrada no sudoeste e oeste da região amazônica, estendendo-se além das fronteiras brasileiras. Essa semente, em especial a sua amêndoa, que há muito tempo chama a atenção por suas propriedades físicas similares às do marfim, é conhecida há mais de um século como marfim vegetal, sendo, hoje, considerada como substituto à altura do marfim animal. COSTA, Marcondes L. da; RODRIGUES, Suyanne F. S.; HOHN, Helmut. *Jarina: o marfim das biojoias da Amazônia*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rem/v59n4/v59n4a059.pdf>>.

Cordovil de Melo tratou dos inventários das igrejas jesuítas no Pará para os séculos XVII e XVIII e encontrou, naquela localidade, marfim no formato de peças e presas. Há também a menção a um índio escultor que teria sido escravo daqueles padres, o que sugere uma produção local das peças.⁴⁵

Considerações finais

Um dos principais desafios para o estudo sobre o comércio e circulação de objetos em marfim em perspectiva histórica, como pretendido nesta breve exposição, é a carência de informações e registros sobre a procedência e autoria desses objetos. Classificá-los a partir de seus centros de produção em África é um exercício louvável do ponto de vista do campo da História da Arte. Entretanto, muitas vezes, ofusca-se a autoria de seus produtores africanos, projetando-se uma visão sobre tais objetos como exclusivas “demandas europeias”.

A circulação do marfim por diferentes continentes, incluindo África, Europa e América, ao longo do tempo, revela experiências distintas, que não se resumem a uma cultural local ou Atlântica, em torno do uso do marfim, mas se destacam pelos inegáveis encontros e intercâmbios de culturas, ideias, povos e crenças. Talvez, resida nesses encontros e intercâmbios o real fascínio sobre o marfim, um único material no qual são expressas e impressas diferentes visões de mundo.

Referências bibliográficas

Referências de livros

ALMEIDA, Argus V. de. Animais enviados para Portugal entre 1754 e 1805, pelos governadores da capitania de Pernambuco [Livro Eletrônico]. São Paulo: NEHi/FFLCH/USP, 2014. P. 6 e 15. Disponível em: <http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/backup/NEHiLP_2.pdf>. (Acesso em 29 de novembro de 2016).

BARBOSA, Duarte. *Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Introdução e notas de Augusto Reis Machado. – Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1946. P. 78. Disponível em: <http://purl.pt/435/5/hg-27410-p_PDF/hg-27410-p_PDF_08-G-R0150/hg-27410-p_0000_0-241_t08-G-R0150.pdf>. (Acesso em 13 de julho de 2015).

BASSANI, Ezio. *African Art and Artefacts in European Collections, 1400-1800*. London:

(Acesso em 08 de agosto de 2015).

⁴⁵ MELO, Iaci I. C. de. *As imagens jesuítas nos séculos XVII e XVIII no Pará*. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais, 2011, p. 201.

British Museum, 2000.

_____. *Ivoires d'Afrique dans les anciennes collections françaises*. Paris: Actes du SudetMusée du Quai Branly, 2008.

BASSANI, Ezio and FAGG, William B. *Africa and the Renaissance: Art in Ivory*. New York: The Center for African Art and Prestel-Verlag, 1988.

BLIER, Suzanne Preston. Imaging Otherness in Ivory: African Portrayals of the Portuguese ca.1492. In: *The Art Bulletin* 75. 1993, p. 375.

ESPINOZA, Edgard O.; MANN, Mary Jacque. *Identification guide for ivory and ivory substitutes*. WWF, Traffic in co-operation with the cites secretodat, 1999.

FRANCO, Anísio. *Masterpieces: Pegadas dos portugueses no mundo*. Catálogo de coleção particular. Peres Gráfica: Lisboa, s/d.

GSCHWEND, Annamarie Jordan. *The story of Süleyman: celebrity elephants and other exotica in Renaissance Portugal*. Pachyderm Productions, Zürich & Philadelphia: 2010.

LAPA, José R. do A. *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARK, Peter. Portugal in West Africa and the creation of the Luso-African Ivories, 1490-1658. In *Encompassing the Globe: Portugal and the World in the 16th and 17th Centuries*. Washington: Smithsonian Institution, 2008.

SANTOS, Eduardo. *Angolana* (Documentação sobre Angola). Instituto de Investigação Científica e Tropical. Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1995.

SILVA, Antonio Delgado da. Coleção da Legislação Portuguesa desde a última compilação das ordenações (1775-1790). Tomo III. Lisboa: Tipografia Maignense, 1828.

SILVA, João de Mattos e. *Contribuição para o estudo da região de Cabinda*. Lisboa: Typographia Universal, 1904.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista*. História da festa de coroação de rei congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)*. Trad. Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Referência de capítulos de livros

PERSON, Yves. In: *História geral da África, IV: África do século XII ao XVI*. Editado por Djibril Tamsir Niane. 2ª Ed. Rev. Brasília: Unesco, 2010.

VANSINA, Jan, A África equatorial e Angola: as migrações e o surgimento dos primeiros Estados. In: NIANE, Djibril Tamsir, *História geral da África IV: África do século XII ao XVI*. Brasília: Unesco/Ministério da Educação Brasil, 2010.

WONDJI, C. Os estados e as culturas da Costa da Alta Guiné. In: OGOT, B. A. *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. Brasília: Unesco/Ministério da Educação Brasil, 2010.

Referências de dissertações e teses

CURNOW, Kathy. *The Afro-Portuguese ivories: classification and stylistic analysis of a hybrid art form*. [s.l.]: [s.n.], PhD Dissertation, University of Indiana. 1983. 2 vols.

LUÍS, João Baptista Gime. *O comércio do marfim e o poder nos territórios do Kongo, Kakongo, Ngoyo e Loango: 1796-1825*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2016.

LÚZIO, Jorge M. S. *Sagrado marfim - O Império português na Índia e as relações intracoloniais Goa e Bahia, século XVII: iconografias, interfaces e circulações*. Dissertação (Mestrado em) CENTRO OU INSTITUTO. Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2011.

MARTINEZ, Eugenia S. *Crossing-cultures: Afro Portuguese Ivories of the Fifteenth and Sixteenth Century Sierra Leone* [S.L]: [S.N], 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Arte. Universidade da Flórida.

MELO, Iaci I. C. de. *As imagens jesuítas nos séculos XVII e XVIII no Pará*. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Federal de Minas Gerais. 2011.

SOYAUX , H. “Nachrichten vom Gabun”, Petermanns Mitteilungen 25, 1879b: 344-347. Apud: HEINTZE, Beatrix. *Exploradores alemães em Angola (1611-1954): apropriações etnográficas entre comércio de escravos, colonialismo e ciência*. Tradução de Rita Coelho Brandes e Marina Santos, 2010.

Referências de periódicos

AFONSO, Luís U. & HORTA, José da S. Olifantes afro-portugueses com cenas de caça/C. 1490- C.1540. In: ARTIS – *Revista de História da Arte e Ciências do Patrimônio*. Número 01, 2013. Disponível em: <http://luisurbanoafonso.weebly.com/uploads/2/6/8/6/26862325/pdf_artigo.pdf>. (Acesso em 17 de julho de 2015).

ARMITAGE, David. Três conceitos de História Atlântica. Traduzido por Juliana Jardim de Oliveira. *Revista de História da Unisinos*. Vol.18, nº2, maio/agosto de 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/7035/4260>. (Acesso em 24 de agosto de 2015).

COSTA, Marcondes L. da; RODRIGUES, Suyanne F. S.; HOHN, Helmut. *Jarina: o marfim das biojoias da Amazônia*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rem/v59n4/v59n4a059.pdf>>. (Acesso em 08 de agosto de 2015).

FERNANDES, Valentim. *Códice Valentim Fernandes*. (Leitura Paleográfica, notas e índices de José Pereira da Costa). Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1997. P. 111. Apud: AFONSO, Luís U. & HORTA, José da S. *Olifantes afro-portugueses com cenas de caça/C. 1490- C.1540*. In: ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Patrimônio. Número 01, 2013. Disponível em: <http://luisurbanoafonso.weebly.com/uploads/2/6/8/6/26862325/pdf_artigo.pdf>. (Acesso em 17 de julho de 2015).

FRANÇA, Conceição L.; BARBOZA, Kleumanery de M.; QUITES, Maria Regina E. . *Estudo da tecnologia construtiva das esculturas em marfim*. In 19º Encontro da Associação Nacional de pesquisadores em artes plásticas. “Entre territórios” - 20 a 25/09/2010 - Cachoeira, Bahia, Brasil. P. 2639 a 2653. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpcr/conceicao_linda_de_franca_2.pdf>. (Acesso em 02 de fevereiro de 2015).

MOREIRA, Rafael. *Pedro e Jorge Reinel (at.1504-60)*, Dois cartógrafos negros na cômte de D. Manuel de Portugal (1495-1521). In: 3º Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia. Agendas para História da Cartografia Iberoamericana. Universidade de São Paulo. São Paulo, abril de 2010. P. 1 a 10. Disponível em: <<https://3siahc.files.wordpress.com/2010/08/rafael-moreira-3siahc.pdf>>. (Acesso em 05 de fevereiro de 2015).

RIBEIRO, A. V. Para além do 'comércio de almas': a pauta de exportação angolana para o Brasil, séculos XVIII e XIX. Apontamentos preliminares. In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh-RJ: Saberes e Práticas Científicas, 2014, Rio de Janeiro. Anais XVI Encontro Regional de História da Anpuh-RJ: Saberes e Práticas Científicas, 2014.

ROSS, Doran H. Imagining Elephants: An Overview. *Elephant: The Animal and Its Ivory in African Culture*. Ed. Doran H. Ross. Los Angeles: Fowler Museum of Cultural History, UCLA, 1992.

ROSS, Emma George. Afro-Portuguese Ivories. In: *Heilbrunn Timeline of Art History*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000. Department de Arts of África, Oceania e Américas do Metropolitan Museum of Art. Disponível em: <http://www.metmuseum.org/toah/hd/apiv/hd_apiv.htm>. (Acesso em 22 de agosto de 2015).

RYDER, Alan F. C. A Note on the Afro-Portuguese Ivories. In: *The Journal of African History*. 1964, pp. 363-5.

THOMPSON, Estevam C. *O Atlântico Sul para além da miragem de um espaço homogêneo (séculos XV-XIX)*. In: Temporalidades; Vol. 4, n. 2, Ago/Dez 2012.